O LADO GNOSIOLÓGICO DA CATÁBASE SAUDOSISTA EM TEIXEIRA DE PASCOAES

João Ferreira

Na avaliação geral que se faz da saudade e do saudosismo de Pascoaes enquanto corrente estética e visão do mundo, críticos notáveis como Antônio Sérgio, Raul Proença e Fidelino de Figueiredo colocaram-se irreduzivelmente contra a teoria de Pascoaes. Outros, como Júlio de Mattos e Gomes Leal chamaram a saudade de “sentimento depressivo” e “regressivo”.

Antes de qualquer juízo de valor, achamos que a crítica deverá abandonar juízos a priori e mergulhar a fundo numa revisão hermenêutica do sistema saudosista, mostrando os vários lados do sistema. Através de procedimento analítico, é possível verificar que a saudade surge, antes de tudo, como intuição poética, e só depois se transforma em pensamento filosófico sistematizado. Em alguns autores atinge a condição de teoria para a ação voltada para a abertura de caminhos de reencontro com a identidade nacional. Algo semelhante à meta nacionalista de várias gerações de escritores portugueses desde a dissidência de Coimbra em, 1865, até ao movimento de *A Águia* e da Renascença Portuguesa, em 1912.

Esta exposição tenta levantar subsídios hermenêuticos para uma nova análise da proposta original do saudosismo.

Frente à onda estrangeirada que se apoderara dos intelectuais e da cultura portuguesa nos fins do século XIX e nos princípios do século XX, Teixeira de Pascoais (1877-1952) tentou encontrar uma “intuição básica”, original e lusitana, que pudesse criar nos portugueses um estado de espírito de renovação, necessário à sobrevivência coletiva e ao futuro do país. Constatava-se então que a sociedade portuguesa esquecera as energias vivas e as forças íntimas que a tinham posto historicamente a par da civilização mundial. O caminho seria acordar e vivificar essas energias. A primeira coisa a fazer estava na constituição de uma ideologia associada a um grupo unido que pregasse e disseminasse a ideia da necessidade de voltar às fontes, às raízes, aos arquétipos, num moderníssimo retorno aos ideais nacionalistas e românticos de Garrett e de Herculano, que haviam restaurado a história e as fontes literárias e a dignidade estética das letras lusas. Apodrecidas as

carcaças de certas instituições políticas, culturais e religiosas, haveria que erguer, agora, uma tribuna, de forma semelhante à dos promotores das Conferências do Cassino em 1871 para conscientizar e modernizar o País, através de propostas culturais pertinentes nascidas das jovens elites. Assim, dentro desta linha, Pascoaes propõe-se a elaborar um ideário de renascimento e pregá-lo com convicção. Para isso, dispõe da revista *A Águia*, de que era diretor, e de algumas linhas teóricas e poéticas. Trata-se de uma luta e de uma campanha. Pascoaes terminaria por identificar que a intuição fundamental de que os portugueses necessitavam era a saudade.

Isto aparecia como uma descoberta original e complexa que levaria seus adversários a interpretá-la com algumas distorções e a tomá-la como um escândalo frontal. Em tom de oposição explícita é oportuno registrar as entrevistas de Júlio de Mattos, de Raul Proença e de outros no Inquérito Literário de Boavida Portugal, publicado no diário *República* em 1912. Para esses intelectuais, a “saudade era um sentimento depressivo” que não convinha a um país que precisava se modernizar. Argumentava-se que numa hora em que a elite deveria se preocupar em transformar o país e tirá-lo do fosso decadente em que se encontrava, rumo ao tom europeu que o tornaria contemporâneo às preocupações estéticas dos países de vanguarda, Pascoaes, anacronicamente, insistia numa temática “demodé”, sem muita chance de modificar o quadro de atraso de seu país. Mas a verdade é que Pascoaes, Poeta e Pensador metafísico, iria insistir na sua idéia e mostraria que era possível ser moderno via saudosismo e iria explicar como e porquê. Ele achava que a saudade, longe de ser um sentimento depressivo, podia transformar-se numa energia medidora da alma para que os portugueses percebessem na iluminação de sua história as matrizes de sua identidade. Isto era importante. Mostrar a face criacionista da saudade aos portugueses e sua relação direta com as raízes, era gerar uma pauta de modernidade baseada nas fontes inspiradoras da raça.

Importante era evitar a alienação estrangeirada que já causava prejuízos na intelectualidade portuguesa e encontrar, em contrapartida, um ponto de apoio lusitano para a nova arrancada cultural. Os Poetas nacionais exemplares, apelidados por ele de Poetas Lusíadas, haviam-lhe dado a segurança deste ponto de partida. Pascoaes cunhou a tese de que a Saudade era uma característica da alma portuguesa. Em “Marânus” defenderia que ela é a “Virgem Lusitana”, envolvida em divino mistério, destinada a gerar o novo modelo para o país. Um modelo que adviria da revelação dos arquétipos portugueses no mergulho catabático da saudade. Admirador da poesia mística e saudosa de Frei Agostinho da Cruz, frade franciscano da Arrábida e adotando como síntese conceitual a definição de Duarte Nunes de Leão, segundo a qual “saudade é a lembrança dum bem ausente com desejo de o lograr”, Pascoaes ensaia um sistema decalcado na “arte de ser português” que passará a chamar de saudosismo.

Se analisarmos a cultura de seu tempo, verificamos que ele é um contemporâneo da desconstrução metafísica empreendida por alguns filósofos europeus, entre os quais Wilhelm Dilthey, Maurice Blondel, Nietzsche e Henri Bergson. Esses autores tiveram a ousadia de romper o dique racionalista que dominara a filosofia desde Aristóteles e Escolástica até Descartes, Leibniz, Kant e Hegel. Agora abria-se uma

alternativa para a ação com Blondel, para o voluntarismo e para a transmutação dos valores com Nietzsche e para o vitalismo com W. Dilthey e Bergson.

O ser não era apenas um produto abstrato ou uma criatura saída do laboratório da razão. O ser é mais amplo do que a sua simples abstração. Novas tendências da filosofia exigiam que fosse estudado também a partir da vida, do *élan* vital, da evolução criadora e de situações concretas. No bojo desta nova tendência filosofante, o sentimento adquire novo estatuto. Th. Haecker, por exemplo, estuda a “metafísica do sentimento”. Giovanni Gentile escreve “Il Sentimento dell’ arte”. Era o clima para se defender também o sentimento saudoso e analisar a consciência saudosa. Na sequência da escola de Franz Brentano, Edmundo Husserl funda a fenomenologia e através dela uma metodologia analítica específica irá prestar serviços declarados ao estudo da saudade. É neste clima que Pascoaes cresce e se desenvolve. Atualizado e europeizado discutia, em 1904, num café do Porto, com Manuel Laranjeira, as teses de Nietzsche, quando ainda não havia traduções do filósofo alemão em português. Entusiasta dos ideais da república, que sucederam ao decadente período político do final do século, Pascoaes via, com Nietzsche, a falência do orgulho protagórico da razão com que a idade moderna através do classicismo tinha iniciado seu canto humanista. Esse humanismo racionalista erguia a bandeira de Protágoras declarando que “o homem era a medida de todas as coisas”. O fim-de-século entretanto curvava sua frente e deixava que novos profetas enunciassem sua mensagem. Aos olhos de todos era visível o desmoronamento de uma civilização cansada e o “crepúsculo de muitos deuses”. O diretor de *A Águia* entendeu perfeitamente o contexto, e como solução portuguesa idealizou uma textura teórica que passou a defender como núcleo de um sistema idealista que deveria permitir atingir dois objetivos: o primeiro deles seria alcançar a visão do “espectro da natureza morta de Portugal” e o segundo, como consequência do primeiro, o regresso ao “sol da Renascença”.

O Saudosismo era esta textura e a Saudade transformava-se, para Pascoaes, a partir daqui, “em culto da alma pátria” e em “pessoa divina e orientadora da atividade literária, artística, religiosa, filosófica e social” de Portugal. Nebuloso ainda, o Poeta embrenha-se por essa teoria adentro. A teoria da Renascença sucedia a ou coincidia com várias iniciativas registradas através de manifestos e correntes em Portugal e no mundo. Diversos movimentos culturais, como Pascoaes registrou em *A Era Lusíada* levantaram o facho do renascimento, na Bélgica, na Índia, Itália e outros países. Marcel Proust publicava também em 1913 *A la Recherche du Temps perdu*, obra que também é “uma busca do tempo perdido”. É interessante notar que no período pré-modernista português de que Pascoaes faz parte, há uma postulação inquieta de modernidade projetada na arquitetura de novos modelos encobertos na teia do tempo perdido, o que simboliza a vontade de renascimento. Dialecticamente, o que Pascoaes procurava era o espectro do tempo e da natureza morta em Portugal, e partir daí para formulação dialética da catábase a qual ofereceria a iniciática pintura memorizada dos arquétipos pátrios. Pascoaes encontrará a alma perdida portuguesa no texto poético de *A Pátria*, de Guerra Junqueiro, assim como no manifesto neo-garrettiano de Alfredo Cunha e Trindade Coelho, publica-

do em *Revista Nova*, em 1893. Esse manifesto propunha a “busca das qualidades fundamentais do nosso génio” e assinalava que “na literatura e na arte, ao menos, se inicie uma tenaz rebeldia contra imposições estranhas e se levante, nobre e alto, o grito de subversão contra quaisquer hegemonias exóticas e que paralelamente se preste ao passado, donde dimanam nossas mais puras glórias[...], o respeito [...] que se lhe está quotidianamente negando.”

Em 1912, Pascoaes tem idéias, sentimento, arte e liderança para promover sua síntese e sua campanha em prol da Saudade. O “corpus” estético-crítico-literário passa a estar representado, especificamente, em textos que vão desde *Sombras*, *Marânus*, *Regresso ao Paraíso*, *O Espírito Lusitano* ou o *Saudosismo*, *A Era Lusíada*, *A Arte de ser Português* até à colaboração em *A Águia*. Para aprofundarmos a idéia-matriz do saudosismo pascoaesiano, o caminho ideal seria a reflexão sobre três documentos de profunda significação: o primeiro deles é o editorial “Renascença”, publicado no vol. I de *A Águia*, 2ª série ; o segundo, com o mesmo título, foi publicado no vol. I, 2ª série, n. 2 (fevereiro de 1912), da mesma revista ; o terceiro, o manifesto “Ao Povo Português — A renascença Portuguesa”, publicado em “A Vida Portuguesa”, em 1912. Pascoaes mantém-se fiel à tese de que “A Saudade é a alma da raça”, a fisionomia característica, o corpo original com que ela há-de aparecer entre os outros povos”. Defender a Saudade como vivência característica do povo português é apontar que uma vivência específica condiciona todo o renascimento da cultura e da vida portuguesa: “Renascer, diz Pascoaes, é dar a um antigo corpo uma nova alma fraterna, em harmonia com ele. O Passado é indestrutível, é o abismo, a treva onde o homem mergulha as raízes de seu ser; para dar à nova luz do futuro a sua flor espiritual”. [...] “É preciso chamar a nossa Raça desperta à sua própria realidade essencial, ao sentido da sua própria vida, para que ela saiba quem é e o que deseja”. Estas e outras passagens definem o núcleo essencial do Saudosismo, que se transforma numa ideologia, numa teoria e numa visão de mundo e também numa vivência de caráter individual e colectivo que determina o ângulo pelo qual se toma conhecimento do mundo.

Para uma reanálise moderna da consciência saudosista é, por isso, necessário compreender as premissas que a saudade explícita ou implicitamente contém. A primeira delas é a lembrança como elemento de mediação na catábase saudosista. A segunda é que, após a descida catabática, a consciência saudosista será tomada de iluminada visão e em seguida de gloriosa anábase e soerguimento espiritual pragmaticamente voltados para a modernidade e contemporaneidade, em oposição a possíveis êxtases de contemplação do passado.

Para que a análise não se transforme em simples sessão de imagens e lembranças passadistas, a essência ritual e iniciática da saudade supõe a descida aos meandros do labirinto no limiar do inconsciente e a tomada de consciência dos grandes lances colectivos que definiram historicamente a identidade portuguesa. Esse mergulho é profundamente iniciático e gnosiológico. Ali se vê, ali se aprende, as sombras são substituídas pela luz, o inconsciente pelo consciente, e na emersão ou anábase, o iniciado traz sua mente preparada para situar-se na realidade epocal a que pertence. É aqui, certamente, que começa a caminhada para a fundação de

uma teoria hermenêutica da saudade. Através desta teoria, a saudade passa a ganhar um valor novo, que é o valor de uma vivência humana de profundo sentido gnosiológico. Esta simbólica caminhada é a forma que temos para designar o movimento da catábese, que consiste na descida às profundezas da alma, onde é proporcionada a lembrança e a evocação de factos no labirinto da memória individual ou colectiva, recolhidos pela apreensão iluminadora. Posteriormente esses dados revelados são reorganizados mentalmente e passam a ser os materiais fundamentais para a anábase (ascensão) e para o retorno consciente ao mundo das coisas e dos objetos, que é o mundo real, social e cultural da própria existência temporalizada. A mística iluminação dos arquétipos obtida através da memória catabática será a partir de agora a nova instrumentação da alma para uma hermenêutica de fundamentalidade lusitana. “Vistos” e “iluminados”, os novos arquétipos serão a garantia de um novo tempo e de uma nova energia de carácter modernizante. Fazendo interferir o segundo elemento da Saudade que é o desejo, a consciência catabática reavivará a vontade colectiva para que face aos “exemplares” e aos “arquétipos” revelados, a mente se revigore no novo tempo, e se modelize para enfrentar a problemática que o mundo moderno lhe oferece como opção de vida. Torna-se evidente que a interpretação da Saudade como uma forma de catábese que mergulha o espírito no labirinto para captar as formas exemplares colectivas, é o lado gnosiológico da saudade. Esta teoria hermenêutica mostra-nos a saudade como um sentimento que elabora a nível de consciência um ato essencialmente cognitivo.

Se bem analisarmos, Pascoaes apresenta uma proposta que no fundo não está longe das catábases oferecidas por Platão na alegoria da caverna, por Homero na *Odisséia*, por Virgílio na *Eneida*, por Camões nos *Lusíadas* (Canto X: Ilha dos Amores) ou por Jerônimo Corte Real em *O Naufrágio de Sepúlveda*.

Trata-se, em rigor, de um estilo alegórico e mítico que proporciona uma análise capaz de oferecer uma hermenêutica com aspectos que situam a saudade na condição de matriz indispensável para a compreensão comparativa da história da decadência finissecular portuguesa frente à luz surgida no labirinto iluminado dos arquétipos históricos do próprio apogeu nacional.

A interpretação catabática da saudade apresenta, num período de declínio, uma via metodológica alternativa para a descoberta da nação portuguesa como comunidade histórica.

Para ilustração de nossa análise, convém observar que a teoria saudosista de Pascoaes apenas se insere na metodologia das teorias filosóficas que em suas grandes linhas e sistemas sempre tiveram ou têm, em sua base, uma intuição primordial que as caracteriza. Só para exemplificar, o núcleo da intuição primordial em Platão é a ideia e a oposição entre o mundo inteligível e o mundo sensível. Santo Agostinho coloca as *rationes seminales* como intuição que organizará seu sistema de conhecimento de inspiração neoplatônica. Santo Anselmo estabelece, no *princípio fides quaerens intellectum*, a base de sua síntese pré-escolástica. João Duns Escoto tem no conceito de *haecceitas* o ponto fulcral de seu sistema formal. O *Cogito* é, em Descartes, essa intuição-chave de todo o sistema cartesiano. Maurice Blondel escolhe a ação para construir sua síntese anti-intelectualista; em Husserl, a intuição

primordial do sistema é a redução eidética; para Bergson, o *élan vital*, etc. Múltiplos exemplos são-nos oferecidos pela história da filosofia. Eles nos alertam de que o ponto de partida de um sistema consiste numa luz originária, numa intuição, ou num núcleo primitivo, que fornece a inspiração original, da qual nasce a base de uma estruturação sistemática.

É esse processo que nós encontramos em Pascoaes. Acreditamos que a Saudade enquanto reduzida a sistema por Pascoaes adquire este valor de intuição primordial.

Compete-nos mostrar onde está essa primordialidade. Quer analisemos o sistema de Pascoaes, quer nos detenhamos na alternativa escolhida pela Renascença Portuguesa de considerar a Saudade como alavanca dialética do ressurgimento português no início do século XX, verificaremos que a Saudade ganha um sentido novo na hermenêutica gnosiológica, que passa a considerá-la como símbolo catabático, onde o labirinto, tal como no mito platônico, nada mais é do que situação de operacionalização cognitiva. Efetivamente, o homem temporalizado (e aprisionado) irá aperceber-se, de um lado, do condicionalismo da sombra obstaculizante no conhecimento e, de outro, dos benefícios libertadores da luz, em sua relação direta com a simbólica função de abrir a mente dos prisioneiros da caverna para os mistérios cognoscitivos. É por isso que a catábese, enquanto viagem ao fundo do labirinto, é uma grande oportunidade para que se descubra, dentro de um ritual iniciático, a face exemplar e significativa de fatos importantes carregados pelo inconsciente coletivo. A importância da luz para a superação da ignorância e a decodificação das formas primordiais passam a ser condição indispensável para o conhecimento catabático. Nesta perspectiva, descer ao labirinto da consciência aprisionada poderá significar, também, libertação, a nível gnosiológico. Se passarmos a aplicar este esquema à saudade de Pascoaes, entenderemos, que sendo a saudade “lembrança de um bem ausente com desejo de o lograr”, a própria lembrança, na visão de Pascoaes, passa a operacionalizar o mergulho do sujeito na consciência e a tentar entender a crise ou a ausência dos bens culturais específicos que foram apanágio histórico da comunidade portuguesa. Ao descerem ao fundo da alma coletiva, os portugueses reacenderão o desejo e a vontade do retorno ao estado primordial dos arquétipos nacionais que deram individualidade histórica ao seu país. Nesta perspectiva, a saudade tornar-se-á uma alegoria mítica, uma teoria do conhecimento, uma via mística, uma via de iluminação, uma prova de conhecimento iniciático, uma revisitação, um achado arquetípico e exemplar dos mitos portugueses e até uma caminhada fáustica que promove o conhecimento no âmbito da obscuridade para a luz. Entre essas míticas qualidades pátrias estarão, certamente, entre outras, o gênio de aventura, o espírito messiânico, o sentimento de independência e a liberdade, segundo Pascoaes.

Para se chegar à idéia da saudade como catábese, é importante empreender um caminho hermenêutico em duas etapas. Na primeira, é conveniente entender como é que a saudade enunciada pelos poetas portugueses, pelos teóricos saudosistas desde Duarte Nunes de Leão e sobretudo por Pascoaes, é essencialmente uma via de conhecimento. Essa via será facilitada se entendermos o parentesco e a

aproximação que ela tem com a alegoria mítica da caverna de Platão. Na segunda etapa, o principal caminho hermenêutico aponta na direção da necessidade de uma exposição sobre os pontos essenciais da alegoria da caverna de Platão, aproximando-os dos pontos característicos da alegoria mítica da saudade proposta por Pascoaes.

A condição corpórea do homem sofre uma aproximação com a teoria platônica pela relação entre o sensível e o inteligível.

Pascoaes adota uma posição inteiramente idealista onde as ideias têm sua própria existência e são criação do espírito, conforme se lê em *Marânus*:

“A deusa que tu viste/ concebeu-a meu ser...Tu Compreendes?” -Ao que Marânus respondeu: “Eu sei que antes de mim/ Alguém disse que os deuses eram sombras/ do nosso pensamento [...] Eu afirmo também que Deus dimana do nosso coração, da nossa dor.”
[...] Eis o grande milagre. Deus é o homem/ Na sua criação espiritual”.
[...] meu ser/ Se reparte por tudo quanto existe/ Pois nele tudo vive; o sol a arder/ águas falantes, ao luar que chora/ Velhos troncos, na infância da sua hera.../a própria morte nele vive. O outono/ latejante em meu sangue, é primavera.”

A concepção da saudade como uma catábase tem três fases: a primeira é o *status* teórico do espírito capacitado para a catábase. A segunda é a descida. A terceira é a contemplação, iluminação e iniciação nas matrizes que o espírito demanda. A anábase ou subida (reentrada) no mundo real possibilita a aplicação dos princípios e da aprendizagem iluminada haurida no ato essencial da catábase.

É elucidativo, para se compreender a terceira fase da catábase, este discurso de *Marânus*:

“Em meu ser tudo vive e ressuscita/ E até mesmo antevive... A fria cinza/ Do Passado rebrilha e em mim crepita/ Mal o sopro do espírito lhe toca/ E eu ouço cantar ainda as cotovias/ Das antigas manhãs... E vejo ainda/ As árvores, a terra, a luz do dia/ Pelos olhos dum anjo extasiado...”.

Conforme já assinalamos, Pascoaes tinha sido educado no clima decadentista e degenerescente do final do século, quando a situação política portuguesa se degradava e a crise econômica e social se instalava. Neste clima, a república fora concebida politicamente como uma alternativa de salvação nacional. As elites entre tantos projetos de novos conseguiram congregar, dentro de um consenso raramente presenciado, a intelectualidade mais actuante num programa comum de ressurgimento nacional.

No canto XI de *Marânus* este projeto renascentista aparece com toda a evidência.

“O meu fim é velar por esta Virgem; / Santificado corpo onde germina/ A glória de meu Povo e o seu futuro/ Uma nova esperança que é divina”.

“Está a chegar o instante prometido/ Do novo Nascimento...” diz Maranus
“Eu sou aquele/ Que abre os olhos, orando à luz da aurora/ Filho dos
bosques, ao luar eu vivo/ Criando a nova Alma redentora”.

O estado de decadência aparece em versos de *Marânus*:

“E no brumoso longe oriental/ Um doce alvor, um místico desmaio/ Um
silêncio de luz espiritual/ Luminosa tristeza vai subindo” e é simbolizado
em “terrenos habitados/que “eram como desertos e velados de uma
roxidão sonâmbula”, mostrava “aparência da terra falecida”.

Nos versos de *Marânus* aparece espectro errante na Montanha:

“Toda a mitologia que floresce/ No sentimento escuro deste Povo/ Quan-
do a noite que a Terra empalidece/ Lhe dá seu beijo pálido de sombra”.
Na mitologia lusitana, a saudade floresce como uma idéia fecunda com
objetivos de transformar e transfigurar o gênio do povo: “Eu sou a tua
Virgem — diz a Saudade a Maranus —/ No meu ventre/ Cresce o nosso
Menino que virá/ Transfigurar o gênio deste Povo/ E estes campos in-
cultos lavrará...”.

Mais perfeita alegoria não há. O Poema une uma figura mítica e telúrica,
representando a terra portuguesa, e sua musa transfiguradora, os quais trocando
amor, em meio à santa paisagem lusitana, farão o renascimento desta terra. Há o
percurso da mulher à deusa, de Eleonora à Saudade, que, exprimindo o amor à
terra gerará o novo Deus Menino, o novo país. A Saudade responde a Marânus: “Só
tu me compreendeste e desvendaste/ Meu seio oculto e virgem. Só tu viste/ O
que era em mim vedado e proibido”.

É essencial para a fundamentação conceitual de saudade pressupormos o
binômio antitético de luz e de sombra, bem platonicamente numa alusão ao senti-
do oculto e ao sentido luminoso da vivência e inteligência da saudade. Neste
parâmetro, a saudade constrói-se a partir de uma “aparência imaginária”, de uma
vida “translúcida” e pode ser apresentada também como duplo da realidade física e
palpável, como analisamos no poema *Marânus*.

Vários textos de Pascoaes nos induzem à articulação hermenêutica em favor
da reflexão sobre o lado gnosiológico da saudade. Dentro do *corpus* próprio para
esta análise fenomenológica destacamos os livros *A Arte de ser Português*, *Marânus*,
Regresso ao Paraíso, *O Espírito Saudosista ou o Saudosismo* e os textos publica-
dos por Pascoaes em *A Águia*.

“Eu chamei Saudosismo — diz Pascoais — ao culto da alma pátria ou da
Saudade erigida em Pessoa divina e orientadora da nossa actividade religiosa, filosó-
fica e mesmo social”. E noutra passagem: “A saudade com a sua face do desejo e
esperança é já a sombra do Encoberto amanhecida, dissipando o nevoeiro da
legendária manhã”. Sobre o sonho nacional de renascença, é transparente este
texto:

“A Saudade[...] mostra agora na alegria da sua revelação o primeiro sorriso de esperança porque ela, definindo-se, definiu também o nosso sonho nacional de Renascença [...]” .

Ao falarmos da saudade como intuição primordial de todo o sistema pascoaesiano, não podemos deixar de chamar a atenção para a fundamentalidade da leitura de *Marânus* para a compreensão dos símbolos básicos saudosistas usados e expostos por Pascoaes. Para entendê-los, há que partir de algumas categorias hermenêuticas. O primeiro cuidado seria entender que as categorias poéticas são elaboradas através de um elemento que tradicionalmente chamamos de alma, a qual cria o mundo, “onde — como diz Pascoaes — divagam os seres imaginários”. No poema *Marânus* são criados personagens, situações e relações onde o nível da linguagem é meramente poético. Através da linguagem, a alma elabora seus conteúdos que vão desde a voz que se projecta até às mais distintas ideias. Este nível criacionista voga nas águas do “reino espiritual”, em permanente estado de criação. No polifônico e revelador discurso de *Marânus*, a idéia criacionista se expande e se auto-afirma:

“E novamente o Espectro murmurou: No Princípio, era a Sombra, etéreo Fumo, / Indefinida Chama adormecida: / Aparência de morte e de silêncio, / Mas escondendo a aparição da vida./ Depois, aquela Sombra se concentra/ E desse grande ideal concentração,/ Nasceram as estrelas, como nascem/ As lágrimas do nosso coração./ Este Universo, que hoje contemplamos/ E sentimos viver e sobre o qual/ Maravilhoso espanto derramamos/ É um ser ressuscitado que partiu, / Como Lázaro, a tampa do sepulcro. /Nascer o que é senão ressuscitar?/ Toda a morte é regresso e a vida apenas/ Um adeus, um partir para voltar./ Olha repara tu neste penedo.../ Oh que expressão de dor, não vês naquele/ Outeiro uma saudade, que em segredo/ Ele murmura aos zéfiros da tarde? /Pois este nosso mundo faleceu, / Transformou-se em poeira; mas enfim/ Das entranhas do Vácuo renasceu /E doidamente corre atrás do sol”.

Bibliografia

Algumas obras fundamentais para estudo do pensamento saudosista de Pascoaes:

PASCOAES, Teixeira. *Marânus* (com prefácio de Eduardo Lourenço). Lisboa, Assírio e Alvim, 1990.

Idem, *Regresso ao Paraíso* (Introdução de Agostinho da Silva), Lisboa, Assírio e Alvim, 1986.

- Idem, *A Saudade e o Saudosismo* (compilação, introdução, fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes), Lisboa, Assírio e Alvim, 1988. Neste volume podemos encontrar reunidos vários textos saudosistas importantes como *O Espírito Lusitano ou o Saudosismo* (pp.43-58); *O Saudosismo e a Renascença* (pp.59-61 e 63-65); *Ao Povo Português; A Renascença Lusitana* (pp.31-34); *Renascença* (pp.35-38); *A Era Lusíada* (pp.157-173), etc.
- Idem. *Arte de Ser Português* (Introdução de Miguel Esteves Cardoso), Lisboa, Assírio e Alvim, 1991.

Alguma Bibliografia crítica:

- PORTUGAL, Boavida. *Inquérito Literário*, Lisboa, Livraria Classica Editora, 1915.
- COSTA, Dalila Pereira da & GOMES, Pinharanda. *Introdução à Saudade*, Porto, Lello e Irmão, 1976.
- BOTELHO, Afonso. *Da Saudade e do Saudosismo*, Lisboa, MEC/ICALP (Biblioteca Breve n. 118), 1990.
- VV.AA. *Filosofia da Saudade*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (col. Pensamento Português), 1986. Seleção e Organização de Afonso Botelho e António Braz Teixeira.
- SAMUEL, Paulo. *A Renascença Portuguesa. Um Perfil documental*. Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1990.
- SANTOS, Alfredo Ribeiro dos. *A Renascença Portuguesa. Um movimento Cultural Portuense*. Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1990.
- SÁ, Maria das Graças Moreira de. *Estética da Saudade em Teixeira de Pascoaes*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992.
- TEIXEIRA, António Braz. *Deus, o Mal e a Saudade*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1993.
- CARVALHO, Joaquim de. "Elementos constitutivos da consciência saudosa". In: *Revista Filosófica*, vol.II, n. 6 (dezembro 1952), pp. 250-254.
- FRANCO, António Cândido. *Transformações da Saudade em Teixeira de Pascoaes*, Amarante, Edições do Tâmega, 1994.
- CABRAL, Manuel Vilaverde. *Portugal na alvorada do século XX*, Lisboa, Editorial Presença, 1988.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos. *Para uma Sociologia da Cultura Burguesa em Portugal no século XIX*, Lisboa, Editorial Presença, 1983.
- PEREIRA, José Carlos Seabra. *Do fim-de-século ao tempo de Orfeu*, Coimbra, Livraria Almedina, 1979.

JOÃO FERREIRA é professor no Departamento de Teoria Literária e Literaturas da UnB